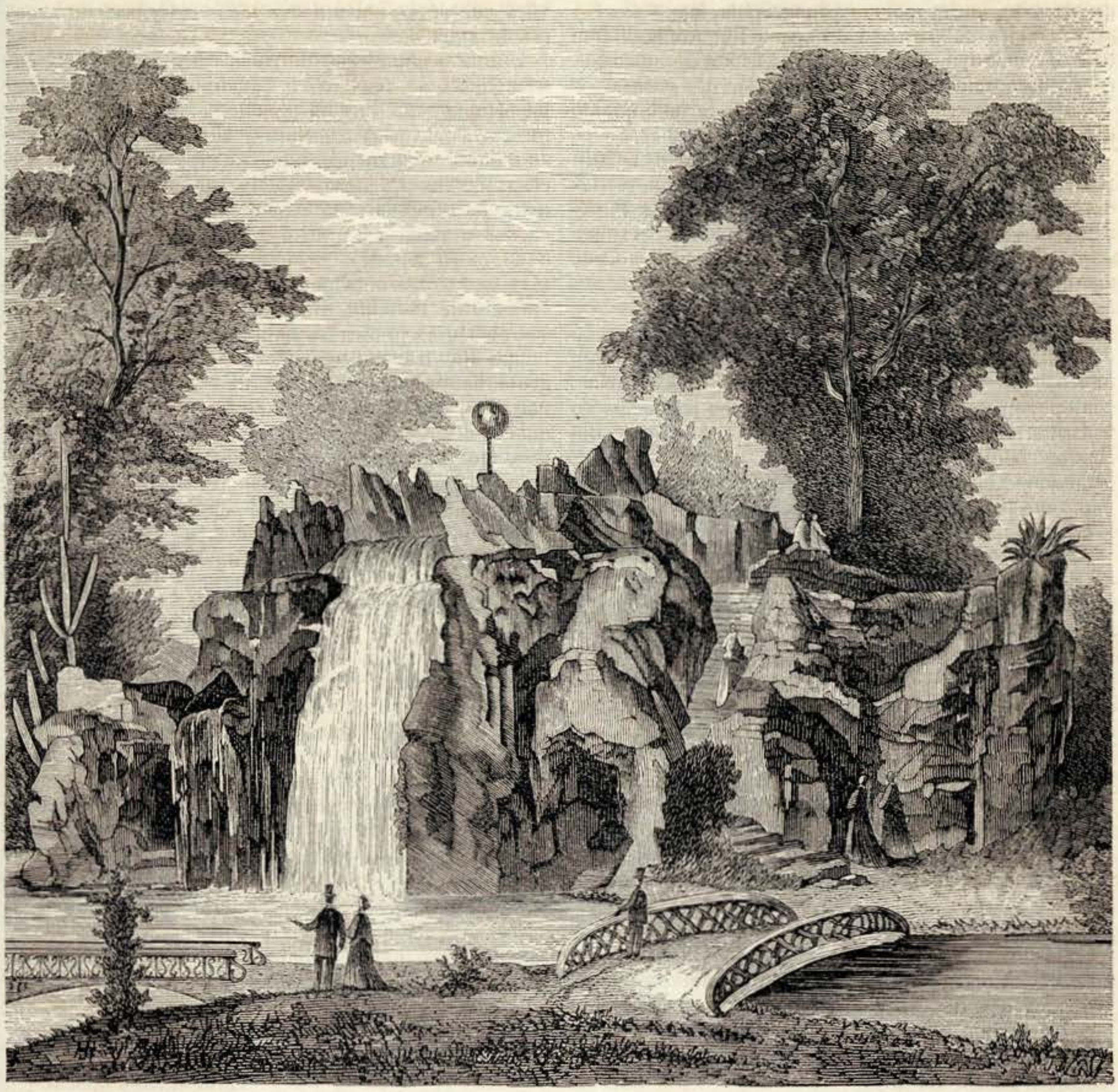


Exterior do aquario de agua doce, na exposição universal de Paris

PARIS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1867

(Vid. pag. 97)

IV

FÓRMA, GRANDEZA E DISTRIBUIÇÃO INTERIOR DO PALACIO DA EXPOSIÇÃO
JARDIM CENTRAL E JARDINS RESERVADOS
AQUARIO DE AGUA DOCE

O campo de Marte mede 50 hectares, ou 500:000 metros quadrados. No meio d'este vastissimo terreiro ergue-se o palacio da exposição, de fórma oval, com 490 metros de comprimento e 380 de largura, occupando uma superficie de 146:588 metros quadrados. Um kilometro e meio é, pois, a circunferencia do palacio.

No centro d'esta grandiosa arena do trabalho e dos progressos da humanidade acha-se um jardim, de 166 metros de comprimento, descrevendo uma ellipse. Varios lagos com seus repuxos; viçosas alcatifas de relva; massiços de lindas flores; grupos mui pittorescos de arvores e arbustos, em que sobresaem esbeltas palmeiras e bananeiras; diversidade de estatuas sobre seus pedestaes; e no meio de tudo isto um elegante *kiosko*, adornam graciosamente este jardim, com o qual se communica o palacio por uma vistosa galeria que cerca o mesmo jardim, toda aberta em grandes arcos sustentados por delgadas columnas.

Em torno d'aquelle jardim e d'esta galeria começa o systema de galerias circulares, com as convenientes divisões, que constituem o palacio da exposição. São sete as galerias, além da que dá para o jardim central, as quaes se vão alargando á maneira que se avisinham da fachada exterior do palacio. Dezeseis ruas ou passagens direitas atravessam todas essas galerias do centro para a circunferencia. Quatro d'estas ruas, muito mais largas que as outras, e formando uma cruz, que divide o palacio em quatro partes eguaes, conduzem ás quatro principaes entradas do edificio.

A primeira galeria que se segue á que circunda o jardim central, com 15 metros de largura e 7,50 de altura, encerra as obras de arte, pintura, esculptura, architectura e gravura de todos os paizes.

A segunda galeria, mais extensa que a primeira, pois que, correndo em torno d'esta, descreve uma ellipse maior, é destinada para as artes liberaes tambem de todos os povos. Alli estão expostos os variados

productos das artes typographica e de encadernação, de desenho e plastica applicados aos officios mecanicos, da photographia, musica, arte medica, mecanica de precisão, geographia, cosmographia, etc.

A terceira galeria está occupada inteiramente com todo o genero de moveis com que as differentes nações guarnecem e adornam o interior das casas.

A quarta galeria é a exposição geral de tudo quanto diz respeito ao vestuario e ornato das pessoas.

A quinta galeria é consagrada quasi toda á natureza. Ahi estão dispostos os productos das industrias extractivas nos tres reinos, animal, vegetal e mineral. Ahi se vê, em amostras, tudo quanto o esforço do homem tem colhido sobre a terra, ou arrancado das entranhas d'esta, ou apanhado nos ares, ou tirado da profundidade das aguas.

A sexta galeria, com 25 metros de largura e 35 de altura, contém esses inventos maravilhosos com que o homem, supprindo a debilidade de suas mãos, centuplicou as forças da industria e os productos do trabalho. É a repartição das machinas. As cinco galerias recebem a luz abundantemente por grandes aberturas envidraçadas praticadas no tecto. A sexta, muito mais elevada que as outras, recebe-a das janellas das fachadas.

A setima galeria, em fim, muito mais baixa que a sexta, e separada inteiramente d'ella por uma parede, é o logar reservado para comer e beber. Esta galeria, de 1:460 metros de extensão, á qual dão claridade infinitas janellas de vidraças que deitam, bem como as portas, para o parque, apresenta uma serie não interrompida de botequins e outras lojas de bebidas, casas de pasto, gabinetes com mesas cobertas de comidas frias, doces e frutas, etc., etc.

Apesar das proporções colossaes do palacio, o seu recinto seria estreitissimo espaço para receber todos os productos que concorreram a este certamen universal da industria, se não fosse dado a cada nação espaço bastante para construir annexos em volta do palacio.

Já dissemos em outro numero d'este jornal como o resto do campo de Marte, que o palacio deixou livre, foi transformado em um formoso parque, e este povoado de arvores e flores exquisitas a espelharem-se nas aguas dos lagos e dos ribeiros, e de variadissimas e graciosas construcções, que se levantam d'entre massiços de verdura.

Em um dos angulos do parque, do lado do edificio da eschola polytechnica, está o jardim reservado. Uma balaustrada, e por detraz d'ella uma como parede de arvores e arbustos, separa este jardim do parque. Aqui se offerecem aos olhos do viajante algumas das mais bellas e admiraveis scenas d'aquella representação universal, em que figuram simultaneamente as maravilhas da natureza e os prodigios do genero humano. Diversas estufas, e entre estas uma gigantesca, cheia de arvores e plantas, que ostentam toda a formosura e pompa da vegetação tropical; cascatas; lagos e ribeiros, imitando o natural, mas variados na composição e nos ornamentos; esbeltos pavilhões para fresco abrigo de plantas exoticas, cobertas de mimosas flores; elegantes viveiros, onde vôam quasi como em plena liberdade essas gentis avesinhas do Brasil, de plumagem de reflexos metallicos, chamadas lá fóra *collibrís*, e por nós *beija-flores;* engraçados *kioskos* ostentando as côres e phantasiosa ornamentação da architectura oriental; e finalmente, entre muitas outras edificações, que parecem verdadeiros palacios de fadas, os famosos aquarios, que tanto deleitam os olhos com as suas bellezas exteriores, e que no interior revelam aos que os visitam os mysterios que se passam no seio dos mares e dos rios; taes são, em abreviadissimo catalogo, os objectos que se contém no jardim reservado.

Em o numero antecedente mostrámos em gravura aos nossos leitores o aquario de agua salgada, visto externa e internamente. Agora offerecemos-lhes a gravura que apresenta um dos lados exteriores do aquario de agua doce.

É uma accumulação de rochas brutas, tambem entremeiadas de verdura, e egualmente dispostas com tal artificio, que imitam perfeitamente as obras da natureza. Por várias aberturas, simílhando lapas, sae abundante manancial, que, precipitando-se das rochas, faz uma vistosa cascata, e fórma um lago de margens relvosas. No interior d'aquella massa de rochedos abre-se uma vasta gruta, não tão alta como a do outro aquario, nem guarnecida de estalactites, mas toda construida de rochas pouco deseguaes e de cimento de Portland. Recebe luz esta gruta por diversas aberturas praticadas na abobada, e que ao mesmo tempo lhe transmittem ar. De um e outro lado da gruta ha grandes aberturas na rocha, como arcadas naturaes, cada uma tapada com seu vidro, através do qual se desfructam variadas especies de peixes de agua doce no livre exercicio de todos os habitos da sua vida submarina. Alli se podem ver e examinar á vontade os peixes por todos os lados.

Pelo meio da gruta corre um rio, encanado entre margens de pedra pouco elevadas acima do solo, e que ora se apertam, ora se alargam. É a vivenda reservada para as trutas e salmões.

Diz-se que este aquario ha de apresentar a exposição mais completa que for possivel da fauna de todos os rios da Europa. E não se limita a isto. As pessoas estudiosas encontrarão alli não sómente exemplares vivos de todos ou quasi todos os peixes de agua doce que se conhecem na Europa, taes quaes os creou a natureza, mas tambem muitos peixes hybridos ou mestiços, obtidos á custa de muito trabalho e perseverança. Por conseguinte, alli se podem observar e estudar os importantes progressos que a piscicultura tem feito ultimamente.

De tudo o que deixâmos referido podem julgar os nossos leitores quão interessante e curioso ha de ser este aquario, que mr. Bettencourt construiu com tão engenhosa invenção e bom gosto.

O encargo de povoar os reservatorios d'este aquario foi confiado a mr. Gassies, naturalista mui distincto, e profundo conhecedor de conchyliologia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A ESPOSA DE FELISBERTO

(Conclusão. Vid. pag. 102)

IV

Estas simples palavras bastaram para arrancar um grito terrivel a sua mulher, grito de pavor, que resumia em si quantas reflexões póde fazer a esposa que atraiçoa seu marido, e que o vê de subito surgir diante d'ella como o espectro do remorso.

— Não te assustes, mulher, sou eu, disse Felisberto no tom mais natural, se vaes para o quarto, vou tambem.

— É... que... te... não esperava, balbuciou Maria Joaquina com a voz trémula de sobresalto.

— É verdade; cheguei agora mesmo do quintal. Que diabo foste tu fazer á loja?

Maria Joaquina ia-se recobrando do primeiro terror; evidentemente seu marido nada ouvíra.

— Fui ver se os marçanos tinham fechado a porta, respondeu ella já com a voz mais firme.

— Fizeste bem; estes patifes não se póde a gente fiar n'elles; em se tratando de divertimento, não lhes lembra mais nada.

Entraram no quarto; Maria Joaquina, pallida como

uma defuncta, deixou-se cair na primeira cadeira que se lhe deparou. Felisberto Rodrigues foi direito á janella e abriu-a. Faltava-lhe o ar no peito oppresso.

— Que noite tão linda, disse elle, olhando com certa melancolia para o ceo puro e sem nuvens, onde esplendia o rosto pallido de Diana; faz um luar que é um encanto. Não sei por quê, sinto cá por dentro umas tristezas que me ralam, e tenho assim a modo vontade de chorar. Tu que sabes tanta coisa, *Jóquina*, não me dirás por que é isto?

— Não sei, Felisberto, respondeu ella mirando o espantada: tens alguma coisa que te desgoste?

— Eu? Quero-te dizer uma coisa, *Jóquina*.

— A mim?

— A ti. Estou ha muito tempo a ruminar isto cá por dentro, mas não ha remedio senão desembuchar. Tu, mulher, andas melancolica, e eu bem sei por que é. Já não gostas da tua terra, não fazes caso da gente, e não pensas senão em ir para Lisboa. Sempre cuidei que me terias mais amizade. Enganei-me; paciencia!

E o bom do Felisberto Rodrigues limpou os olhos com a manga.

— E então, mulher, continuou elle, o que ha de ser, seja. Eu fui um jumento em te não deixar ir para Lisboa quando tu m'o pediste; agora cai em mim, e digo-te...

Aqui a voz embargou-se-lhe na garganta, e foi quasi soluçando que Felisberto concluiu:

— Digo-te que podes ir quando quizeres.

E, escondendo a cabeça nas mãos, o bom do merceeiro deixou-se cair sentado n'uma cadeira.

Maria Joaquina estava commovida; esta dor sincera fazia-lhe uma profunda impressão, e agorentava um tanto o jubilo que sentia ao saber que podia deixar Mafra sem estampar uma nodoa eterna na sua honra, e sem transtornar toda a sua existencia futura. Depois de se ver na capital estava convencida que saberia decidir Felisberto a ir ter com ella.

A commoção que sentia n'esse instante inspirou-lhe um bom pensamento. Levantou-se, e, aproximando-se de seu marido, disse-lhe poisando-lhe a mão no hombro:

— E tu, Felisberto, por que não vens commigo?

— Oh! isso nunca, tornou elle, pois eu faço-te lá falta! Sou um pobre saloio, um bruto que te envergonharia na *capetal*. Aqui nasci, aqui hei de morrer. Se as saudades me ralarem, que importa? Alguem ha de ficar para ter cuidado nos pequenos.

— Os meus filhos, exclamou Maria Joaquina com o coração oppresso, os meus queridos filhos! pois eu não os hei de ter commigo? pois tu não queres que elles vão para Lisboa, onde podem receber uma boa educação?

— Para elles desprezarem seu pae, como tu me desprezas, *Jóquina?* exclamou Felisberto levantando-se. Então queres que fique só n'este mundo? Eu sou um bruto, bem o sei, mas tambem tenho coração como essa gente das sabedorias! Cuidas que não me tem custado o que me fazes? Sabe Deus o que vae cá por dentro, e as lagrimas que eu tenho chorado! Lembrar-me eu que eras tão minha amiga, e que, desde que vieste d'essa maldita Lisboa, fazes tanto caso de mim como da vacca do visinho. Ah! Senhor, se a sabença muda o coração ás pessoas, leve o diabo os livros mais quem os inventou. E queres que, em eu sendo velho, passe tambem o mesmo com os rapazes, que elles olhem para mim por cima do hombro e se envergonhem de me chamarem seu pae? Vae para Lisboa, mulher, sê por lá muito feliz, que eu, apesar do mal que me tens feito, não te desejo senão venturas, mas não me leves a minha ultima consolação.

O desespero fizera Felisberto quasi eloquente. Maria Joaquina abaixou a cabeça e murmurou com voz sumida:

— Eu sempre fui tua amiga, Felisberto.

— Bem sei, mulher, bem sei; fazes o que podes. Tu não tens culpa que eu seja um tolo e um saloio grosseiro, quando tu estás uma *fedalga* que não é lá mais dizer. Não quero impossiveis, mulher; deves viver em Lisboa, no meio de gente que entenda as tuas fallas; mas olha, tenho cá uma coisa no coração a agoirar-me que ainda has de ter saudades. Não sei que é, mas a terra em que a gente abriu os olhos sempre nos fica presente na *mimoira*, e quando tu estiveres lá nos bailaricos da corte, has de começar a scismar na noite de S. João, e nas fogueiras, e no luar, e no trevo, que cheira que é mesmo uma benção de Nosso Senhor, e has de chorar, mulher, has de chorar, que t'o digo eu. *Despois* a gente de Lisboa é muita festa para a festa, mas, quando caires doente, hei de te eu fazer falta, mesmo cá com a minha rusticaria, porque em fim sempre sou teu homem, sempre fui eu que te levei á egreja e que vivi comtigo tantos annos sem termos nunca uma desavença, e hão de te lembrar os pequenos que são filhos das tuas entranhas, e que me hão de perguntar pela mãe, sem eu saber o que lhes hei de responder; em fim, mulher, é melhor não fallarmos mais n'isto; dá cá um abraço, se é da tua vontade, e...

E o pobre homem desatou a chorar, e Maria Joaquina, que tanto o desprezára, deitou-lhe os braços á roda do pescoço, escondeu a cabeça no peito de seu marido, e, vencida pela singela commoção do saloio, confundiu com as d'elle as suas lagrimas.

N'isto sentiu-se um tropel na escada; abriu-se a porta, e um bando de crianças entrou todo jubiloso, trazendo um punhado de alcachofras reverdecidas. No ceo começava a romper a aurora, purpureando o horisonte oriental.

— Mãe! mãe! bradaram os pequenos rodeando alegremente Maria Joaquina, que se desprendêra do abraço; olhe as alcachofras verdes, ande, venha beber a agua que ficou ao sereno.

— Filhos! bradou Maria Joaquina cingindo-os com os braços, beijando-os com sofreguidão e banhando-lhes de lagrimas os loiros cabellos.

As crianças olhavam para ella com espanto.

— Vão, meus filhos, disse-lhes a saloia depois de os ter um instante abraçados, vão, que eu não tardo.

As crianças, contentes com a promessa, desceram a escada, enchendo a casa com o echo dos seus risos infantis, e competindo no gorgeiar com os passarinhos, que principiavam a despertar na ramaria das arvores.

— Perdoas-me, Felisberto? disse Maria Joaquina inclinando-se meigamente para seu marido.

— Perdoar-te o quê, mulher?

— Ter eu tido um só instante o louco pensamento de te deixar.

— Pois já não queres?... perguntou Felisberto suspenso.

— Quero, se d'isso me não achas indigna, viver sempre comtigo e com os nossos filhos.

— Ah! exclamou Felisberto soluçando e abrindo os braços, eu bem sabia que tu não tinhas mau coração.

. . . .

Conta a historia que, no celebre domingo em que Felisberto Rodrigues tencionava ir ao Gradil, entrára Olympio de Almeida derreado em casa de seu tio. Suppõe-se que Maria Joaquina nunca mais se lembrára da entrevista combinada, mas que Felisberto Rodrigues, com a memoria do rancor, não se esquecêra da noite de S. João e fôra ao *rendez-vous* em logar de sua esposa.

As investigações a que me entreguei para esclarecer este ponto dubio deram em resultado saber que Felisberto Rodrigues commettêra a indiscrição de ir

a essa entrevista amorosa acompanhado por um varapau de marmeleiro; o leitor que sabe logica, ligando este facto ao da entrada desairosa de Olympio na pharmacia, facilmente fórma um raciocinio que o deve conduzir á descoberta da verdade.

M. Pinheiro Chagas.

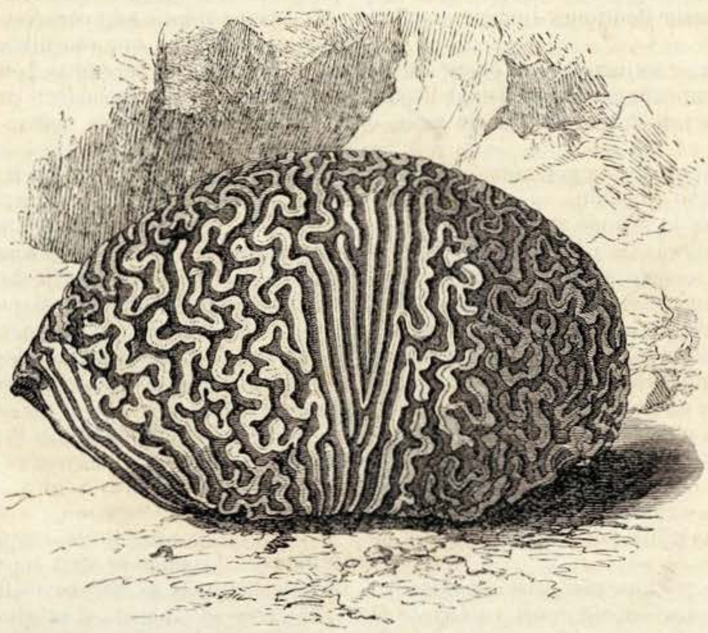
AS MADRÉPORAS

A immensidade dos mares encerra em suas entranhas um mundo não menos curioso e admiravel que a terra. Tem, como esta, os seus valles e montanhas, a sua fauna, a sua flora, os seus phenomenos e a sua historia. Tem, mais do que ella, os seus mysterios insondaveis, onde ainda não poderam penetrar as investigações dos sabios.

Todavia, o conhecimento d'esse mundo aquoso, tal qual se tem podido obter, embora restricto e imperfeito, é inquestionavelmente uma das mais bellas e gloriosas conquistas do genio do homem.

Todas as sciencias tem concorrido a seu turno para esta grande empreza, encarregando-se cada uma de resolver seu problema, cortando alguma das innumeraveis difficuldades, que se tem opposto e ainda se oppõem ao esclarecimento de tantos mysterios. A astronomia e a physica descobriram os movimentos e circulação do Oceano. A chimica analysou e explorou a composição das suas aguas. A mineralogia, a botanica, a zoologia, a paleontologia, a physiologia, em fim, todas as sciencias naturaes, se applicaram ao estudo e conhecimento da infinidade de seres que desde a origem do globo tem povoado a seu turno esse mundo mysterioso. Finalmente, a geologia tomou a seu cargo contar-nos a sua historia, que é, por assim dizer, um capitulo da historia da terra.

Considerando e bem pensando estes importantissimos descobrimentos, muito tem os homens de que se



Meandrina cerebriforme

desvanecerem. É esse, sem dúvida, um triumpho gloriosissimo da sua intelligencia e do seu esforço. Mas se nos lembrarmos que, apesar do auxilio prestado pela sonda, modernamente aperfeiçoada, as nossas investigações debalde tentam penetrar nos abysmos do mar; se reflectirmos em que n'esse vasto imperio das aguas se occultam, certamente, ás nossas vistas milhares de phenomenos, que em vão nos esforçâmos para os conhecer, a vaidade humana terá de descer alguns degraus do alto pedestal em que se collocára.

Entre os infinitos seres que povoam esse mundo desconhecido, e que tão variados são nas fórmas e nas côres, como na substancia de que os fez o Creador, figuram as madréporas na conta dos mais admiraveis pela singularidade da sua organisação e estructura, que as fazem o elo que prende na mesma cadeia os seres dos reinos animal, vegetal e mineral.

O nome de madréporas foi applicado primitivamente a uns corpos que eram considerados plantas marinhas em razão das suas numerosas ramificações. Um naturalista italiano, de appellido Imperati, observando a substancia membranosa que cobre os ditos corpos, foi o primeiro que attribuiu natureza animal a estes suppostos vegetaes.

Posteriormente, dois naturalistas tambem mui distinctos, Donati e Ellis, repetindo as mesmas observações, corroboraram com o seu parecer a opinião de Imperati. Este restringiu então o nome de madréporas a uma especie particular de polypos pedregosos ou de materia petrea. Porém, passados annos, estenderam esta denominação a todas as especies de zoophytos porosos.

Linneu, vendo que d'este modo ficavam comprehendidos sob o mesmo nome animaes muito differentes entre si, denominou madréporas unicamente os polypos porosos, cuja superficie é semeada de expansões ou protuberancias, em fórma de estrellas, ou de plumas, ou de folhagem.

Pallas, dando mais desenvolvimento á reforma do grande legislador da natureza, dividiu esse genero, assim circumscripto, em oito especies, a maior parte das quaes foram depois erigidas em generos por Lamarck. Este naturalista, a quem a sciencia deve sábias refórmas, conservou o nome de madrépora apenas em algumas especies das que formavam o grande genero linneano, as quaes repartiu e collocou na sua divisão de polypos lamelliformes, isto é, ramificados e guarnecidos como que de laminas ou folhagem.

As madréporas, assim circumscriptas, são, conforme os caracteres que lhes assigna Lamarck, polypos pedregosos, subdeadroides, ramosos, de superficie guarnecida por todos os lados de cellulas resaltantes e de

interstícios porosos. São formadas, segundo se presume, pela secrecção calcarea operada por polypos gelatinosos, que n'ellas vivem aggregados e numerosos.

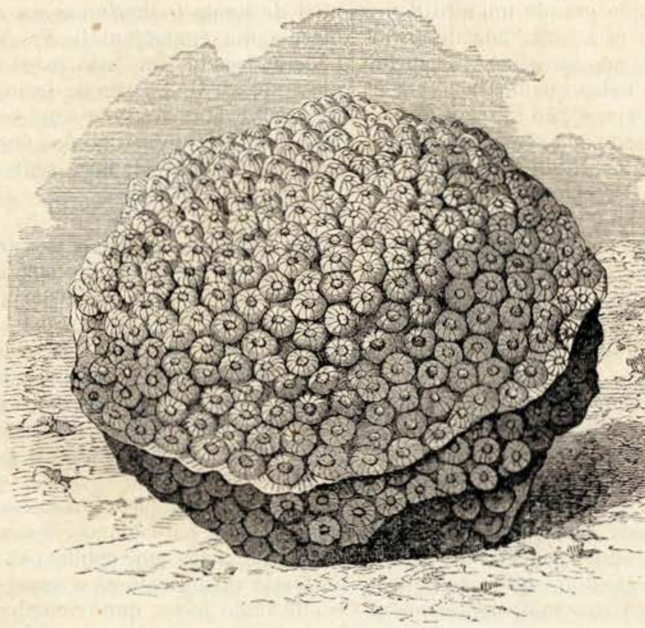
Fixado pela base ás rochas submarinas, em grande profundidade, desenvolve-se este polypo, ao que parece, elevando pouco a pouco as suas expansões foliaceas, ou as ramificações caulescentas que os constituem.

É nas regiões intertropicaes que se encontram as madréporas, e em tão pasmosa quantidade ahi existem, que formam a maior parte dos escolhos que tornam aquelles mares tão perigosos para a navegação. Accumuladas em massas consideraveis, em certas paragens, constituem grandes camadas de pedra calcarea; servindo de base a numerosas ilhas.

Todavia, não obstante esta abundancia, é muito imperfeito o conhecimento que ha ácerca dos animaes que constroem e habitam nas madréporas. A causa d'isto é porque não se podem fazer observações fóra das proprias localidades onde vivem taes animaes, pois que apenas se tiram do mar morrem, desfazendo-se immediatamente. O naturalista Lesueur, que teve occasião de examinar, indo em viagem, uma d'essas especies vivas, a *madrépora palmata*, refere d'este modo o resultado das suas observações:

«De todos os animaes de que tenho conhecimento, são esses das madréporas os que menos se conservam, não deixando, depois da sua morte, vestigio algum da sua existencia. Quando se tiram do mar as madréporas acham-se cobertas por um certo humor viscoso, parecido com a clara do ovo e nauseabundo; mas logo em seguida desfaz-se, corre e desapparece. Os animaes que n'esse breve espaço tive ensejo de observar eram pouco desenvolvidos, de sorte que não os vi elevarem-se acima das estrellas que guarnecem a dita madrépora, apesar de que os examinei attentamente ao saírem d'agua.»

Não se adornam as madréporas com as vivas côres



Astrea cavernosa

que brilham em outros generos de zoophitos; porém, em nossa opinião, avantajam-se a todos na belleza e elegancia das fórmas, ou na delicadeza e phantasiosa composição dos lavores que as cobrem.

Os dois zoophitos cuja cópia damos em gravura foram antigamente classificados no genero *madréporas*. Depois constituiram dois generos distinctos, um chamado *astrea*, admittido por Lamarck; outro denominado *meandrina*, separado das madréporas d'este naturalista por Lamouroux, que o estabeleceu na sua nova divisão dos polypos de substancia inteiramente petrea. Este ultimo genero encerra umas nove especies, d'entre as quaes sobresae a *meandrina cerebriforme*, representada em a nossa gravura. O primeiro contém muitas mais especies, e entre estas a *astrea cavernosa*, ou *astrea argus*, de que tambem damos cópia n'este numero.

As meandrinas apresentam-se em massas quasi sempre simples, convexas, semi-esphericas, ou do feitio de bolas. Quando são novas, isto é, nos principios da sua formação e desenvolvimento, parecem-se na fórma com um calice sem a base, fixado nos rochedos por um pediculo central e mui curto. Algumas especies chegam a adquirir grandes dimensões. Possuimos um exemplar da *meandrina cerebriforme* que tem quasi um metro de circumferencia, e pesa mais de 15 kilogrammas. Os lavores em zig-zagues, que lhe decoram completamente toda a parte superior, são como um bordado bem relevado, e tão gracioso e delicado na sua composição, quanto egual e symetrico em todas as suas partes. Na sua fórma geral é similhante a um craneo humano, como o indica o seu nome. Os architectos que constroem para sua residencia tão caprichoso palacio são gelatinosos, como os das madréporas, porém com as suas côres mais ou menos vivas, segundo refere Lesueur.

As astreas são egualmente massas de substancia petrea, hemisphericas ou globulosas, mas com a superficie commummente plana. Os animaes que n'ellas vivem tem a mesma natureza, com ligeiras modificações, dos outros acima referidos.

Lamarck, no seu tratado dos animaes sem vertebras, descreve trinta e uma especies de astreas. Blainville, que dividiu posteriormente este genero em doze secções, descreve muitas outras especies novas, umas vivas, outras fosseis.

A *astrea cavernosa*, conforme alguns auctores, ou *astrea argus*, segundo outros, é notavel pela regularidade das expansões ou protuberancias, não muito relevadas, e rematando em fórma de estrellas, que lhe guarnecem toda a parte superior.

I. de Vilhena Barbosa.

D. FR. MANUEL DE S. GALDINO

ESBOÇO HISTORICO

De taes homens não se diz «foram», porque não deixaram de ser: diz-se «são», porque a sua melhor vida vem a começar na posteridade.

Mendes Leal.

I

Se o inexcedivel zelo do seu ministerio, o esforço pertinaz votado em prol da instrucção e educação do clero, e a caridade exercida á mão larga, são titulos nobilitarios de um prelado escolhido por Deus para ser a luz do mundo e o sal da terra, ninguem tem mais direito ao respeito e á veneração da posteridade do que D. Fr. Manuel de S. Galdino, arcebispo de Goa e primaz do Oriente.

O seu nome anda tão intimamente ligado á historia ecclesiastica da India, que não se póde fallar do notavel florescimento a que chegaram os estudos clericaes, e da gloria que carearam nos principios do presente seculo os abalisados sacerdotes, sem fallar do severo e vigilante pastor, que grande impulso deu á milicia santa; e a sua vida está esmaltada de exemplos tão dignos de imitação, que são elles um espelho collocado ante os olhos de todos quantos aspiram ás honras do generalato da egreja, e não buscam deslustrar o elevado cargo, que não póde ser mais augusto.

Sem passarmos os estreitos limites impostos aos apontamentos biographicos, daremos o esboço de tão saudoso prelado, e do modo que nos é possivel, á vista da debilidade da nossa penna, pagaremos o tributo devido á sua memoria.

D. Fr. Manuel de S. Galdino nasceu em Lisboa, no bairro de Alfama, em 1769, e vestiu o habito de religioso de S. Francisco na provincia de Santa Maria da Arrabida, em Portugal.

Nada podêmos dizer sobre os seus estudos e mais particularidades, cuja noticia absolutamente nos falta. O que sabemos é que elle passava por prégador festejado do seu tempo. O proprio arcebispo prezava-se da sua habilidade oratoria, e dizia que a sua elevação ao episcopado fôra devida a um sermão que prégára diante de D. João VI, então principe regente, e que o commovêra muito. O facto passou-se pelo modo seguinte, segundo o ouvimos aos contemporaneos de D. Fr. Manuel.

Celebrava-se uma festa no convento de Mafra, e assistíra D. João VI. D. Fr. Manuel, enviado por seu provincial como prégador, tanto enthusiasmo tomou com a presença do principe, que recitou um brilhante sermão, a ponto de arrebatar o auditorio. Com ampla colheita de palmas descia os degraus do pulpito, quando D. João VI, querendo manifestar a sua real approvação, estendeu a dextra para ajudal-o a descer. «Senhor, respondeu o frade, quero a sua mão para subir, e não para descer.» Sorriu-se o principe regente, que comprehendêra o alcance da resposta, e fel-o subir á altura prelaticia, elegendo-o bispo de Tunkim, e pouco depois transferindo-o para o bispado de Macau.

D. Fr. Manuel foi sagrado em 27 de março de 1803, e em 3 de setembro do mesmo anno chegou á sua diocese.

II

Governava a santa egreja lusitana do Oriente D. Fr. Manuel de Santa Catharina, mas a edade provecta a que chegára não lhe permittia supportar por mais tempo o peso do laborioso cargo, que desempenhára com satisfação dos seus diocesanos. As virtudes que ornavam a fronte do preclaro prelado suppriam a summa habilidade e a vastidão dos conhecimentos, indispensaveis aos homens collocados á frente dos negocios da egreja. Quando s. exc. subiu á cadeira do arcebispado, em 1780, avultavam de todos os lados necessidades requerendo a sua solicitude apostolica. Os propagandistas redobravam as suas forças na invasão dos direitos do real padroado; as missões disseminadas por toda a superficie da Asia, regada com o sangue de tantos martyres e soldados illustres, reclamavam a vigilancia do pastor, que guiasse essas cohortes de missionarios que partiam para o serviço das egrejas; o clero de Goa, sempre morigerado e exemplar nos costumes, pedia providencias que espalhassem a instrucção e a educação mais largamente no seu gremio. D. Fr. Manuel de Santa Catharina repartiu os seus desvelos por todas as necessidades; e se muito ficou por ser reformado, deveu-se ao total quebrantamento das forças, que o curvou, arrastando-o á beira da sepultura.

Um coadjutor energico e desvelado procurava o velho prelado, e, providencialmente fadado para a epocha e accommodado ás circunstancias, encontrou-o em D. Fr. Manuel de S. Galdino, que n'esta qualidade veiu á India em 14 de março de 1806.

Em 10 de fevereiro de 1812 entregou D. Fr. Manuel de Santa Catharina a sua alma ao Creador, e no mesmo dia empunhou D. Fr. Manuel de S. Galdino aquelle baculo, que nas mãos de Fr. João de Albuquerque, de D. Gaspar de Leão, de D. Fr. Aleixo de Menezes e tantos outros seus venerandos predecessores, havia sido o arrimo dos desventurados, e o apoio dos que padeciam fome e sêde da justiça.

III

Fariamos um livro em vez de um rapido artigo, se quizessemos registar um por um todos os serviços prestados pelo novo arcebispo á sua diocese. Desde a disciplina do clero até aos mais remotos interesses da egreja, tudo reformou, fez e desfez, sem attender o vigor do seu braço, e sem reparar nas conveniencias, que outros respeitariam, mas que diante da severidade do nosso prelado desappareceram confundidas, para nunca influirem sobre o seu desassombrado governo.

Exigem alguns parochos excessivos honorarios e vexam os seus parochianos, e o arcebispo impõe tantas penas e multas, que cohibe os abusos. Solemnisam-se as festas misturando-se a superstição com a religião, e elle tanto lucta, que triumpha do fanatismo coberto com as vestes da devoção. Alguns padres aspiram ao sacerdocio sem terem estudos regulares, e sem darem mostras de uma vida exemplar, e mais de um sacerdote se despe da compostura dos costumes com affronta á moralidade; e elle a tudo acode com remedio efficaz. Improvisam-se milagres e phantasiam-se devoções, e elle ahi está cortando de raiz o bigotismo. São precisas regras para a direcção dos confessores e dos prégadores, e exigem-se normas para as orações vocaes e mentaes; e elle dirige o confessionario, regula o pulpito e dicta instrucções sobre as orações.

Cada uma das cartas pastoraes que contém a regulação da disciplina da egreja oriental está redigida com tanta vehemencia, que respira o ardor do espirito e a força da convicção que a ella presidiu, e mostra que nenhuma irregularidade digna de correcção escapou á sua atilada intelligencia, inteiramente devotada ao bom regimen da christandade sujeita á sua jurisdicção.

Os seguintes trechos da pastoral de 27 de julho de 1812 depõem altamente a favor da vida frugal do nosso arcebispo, e mostram não só o rigor com que evitava o fasto na mesa, quando visitava as egrejas, mas ainda a paciencia com que descia ao estudo de coisas minuciosas com o intuito de cortar os abusos, por mais pequeninos que fossem.

Eis os trechos:

«Determinâmos:

«1.º Nas egrejas que tiverem mais de uma capella

para visitar não nos demoraremos mais de tres dias, e nas outras não mais de dois, procurando quanto nos for possivel abreviar.

«2.° Se em alguma egreja nos demorarmos mais de tres dias, seja qualquer que for a causa, pagaremos aos reverendos parochos uma rupia por nós, e por cada pessoa de nossa comitiva, ou que por nossa conta ficar; e a fabrica não gastará nada com os boyazes n'esses dias que excederem.

«3.° Prohibimos absolutamente aos reverendos parochos fazerem antecedentes convites por occasião da visita, ou seja a pessoas ecclesiasticas, ou seculares.

«4.° Havemos de comer muito em particular, e prohibimos muito seriamente nos dias gordos mais de quatro pratos ao jantar, entrando n'elles a sopa e o arroz; e nos dias magros mais de cinco, entrando egualmente n'este numero a sopa e o arroz. Na ceia em qualquer dia não consentimos mais de tres, entrando n'elles o arroz; e porque vimos na visita de Salsete que, illudindo uma determinação similhante, os reverendos parochos nos punham o numero de pratos determinados, mas pratos muito grandes, e em cada um d'elles muitas viandas differentes, como se fosse a multiplicidade da loiça o que nós queriamos evitar, declarâmos que não admittimos mais de quatro pratos nos dias gordos, e isto na legitima accepção, e que não admittimos presuntos, carnes ensacadas, ainda que digam que são aqui feitas, ou perú, por serem estes generos caros, e nós podermos passar muito bem sem elles.

«5.° Na sobremesa não admittimos mais de dois pratos, de que só um poderá ser de doce. E porque observámos na referida visita que de cada vez se nos punham differentes doces, o que mostrava que tinham feito muitas qualidades, e portanto muito gasto, mandâmos que o doce (no caso de quererem dal-o) seja sómente aluá, que é o mais facil, mais commum e mais barato, e este todos os dias, sem variar, pois que a visita não é para regalo.

«6.° Não admittimos vinho de outra qualidade que não seja do mesmo que serve para as missas em cada uma das respectivas freguezias.

«7.° Prohibimos os doces e licores que alguns reverendos parochos costumam pôr no quarto em que fica o prelado.

«8.° Como nos consta que os boyazes e outros criados que acompanham o prelado, e que aliás são indispensaveis, em entrando nas casas parochiaes se portam com tanta petulancia, como se os reverendos parochos nada fossem, mandâmos absolutamente aos reverendos parochos e a todos os clerigos que estiverem nas casas parochiaes nos avisem de qualquer indecencia que as pessoas que nos acompanham praticarem, sejam estas de que qualidade forem.

«9.° Declarâmos que os reverendos parochos não tem obrigação de dar coisa alguma aos nossos criados, e a estes só se deve o que por uso e costume lhes dá a fabrica; porém n'aquellas egrejas em que as fabricas forem tão tenues, que não possam com esta despeza, não temos dúvida em concorrer para ella. D'este modo entendemos que a nossa visita não será de peso, senão áquelles reverendos parochos, que transgredindo o que n'estes artigos muito seriamente lhes mandâmos, experimentarem por esta causa o justo rigor do castigo devido aos desobedientes.»

Depois de esforços tão decisivos para regular o procedimento dos seus diocesanos, facil é de ver que a moralidade e a sciencia do clero indiano do seu tempo offereciam campo a elogios. Onde faltava a compostura dos costumes, ahi estava o braço vingador de D. Fr. Manuel de S. Galdino. Para melhor vigilancia, o pastor como que se tornára espião. Elle, que sabia a lingua vernacula de Goa, pesquizava os mais reconditos segredos dos clerigos, entretendo conversação com a gente de humilde profissão, nunca apontada como delatora, e lançava no livro as notas que pela investigação colhia. O resultado era, quando todos menos esperavam, deixar estupefacto o clerigo, confundido como réo da culpa que cuidára passaria occulta, e fulminado com pasmo geral. Pouco antes de morrer queimou o nosso arcebispo-inquisidor o livro, receioso de que fosse cair nas mãos do seu successor.

O mesmo zelo, pelo qual veiu a ser o terror dos membros do clero de Goa mal morigerados, impelliu-o a reprimir os concubinatos na sua diocese; e á sua perseverança e puros empenhos se deve a benção da egreja descida sobre mais de uma pessoa de distincção para sanctificar a sua união com mulheres soezes e obscuras.

(Continúa) J. C. Barreto Miranda.

A COLONIA PORTUGUEZA DE MOSSAMEDES

(Vid. pag. 104)

VII

A população do districto em 1865 era a seguinte:

Brancos	756
Pardos	48
Escravos e libertos	2:345
Indigenas	120:099
	123:248

Comparando estes algarismos com os de 1854, que ficaram mencionados, achámos que nos 11 annos decorridos o augmento da população foi o seguinte:

Brancos	500
Pardos	19
Escravos e libertos	1:729
Indigenas	41:779
	44:027

Explica-se facilmente o augmento da população indigena, que é o mais notavel. No periodo citado creára-se um concelho administrativo no Humbe, onde havia uma tribu numerosa e laboriosa, que se entregava á cultura de cereaes e á criação de gados. Esta tribu foi, pois, encorporada no districto, dando-se-lhe um chefe militar e um destacamento de tropa.

Na villa de Mossamedes e seus suburbios ha 207 habitações de europeus.

A villa, propriamente dita, em 1857, como se vê no artigo por vezes citado [1], constava de tres ruas direitas, chamando-se *da Praia, dos Pescadores* e *do Alferes*, parallelas á praia, e cruzadas por outras tantas travéssas. Até n'isto padeceu Mossamedes grande transformação, pois que em uma planta que temos á vista [2] se observa que o numero das ruas está hoje augmen-

[1] Vid. o vol. IV d'este Jornal.

[2] A bella planta que tivemos presente, bem como as excellentes aguarellas a que já nos referimos, e serviram para copiar as gravuras que acompanharam estes artigos, devemol-as á obsequiosa deferencia do antigo e illustrado governador da colonia, o sr. Fernando da Costa Leal, a quem, aproveitando já a opportunidade, não podêmos deixar egualmente de agradecer muitos dos esclarecimentos que serviram para, até onde nos foi possivel, tornar completo o nosso modestissimo trabalho.

As fontes a que recorremos, além dos indicados subsidios, que eram sobremodo valiosos, foram as seguintes, que tem já sido por vezes citadas, mas que deixâmos aqui registadas em proveito dos estudiosos:

Annaes maritimos e coloniaes.

Ensaios sobre a estatistica das possessões ultramarinas, por J. J. Lopes de Lima.

Relatorios do ministro da marinha, J. da S. Mendes Leal. 1863 e 1864.

Relatorio do governador geral de Angola, S. L. de Calheiros e Menezes, referido ao anno de 1861, e publicado em 1867.

Descripção e roteiro da costa occidental de Africa, etc., por A. M. de Castilho, official da armada. Tomo II, 1867.

Relatorio do governador do districto de Mossamedes, F. da C. Leal, publicado no *Diario de Lisboa*. 1866.

Itinerario de Gregorio José Mendes (pela maior parte inédito).

Correspondencia do tenente-coronel de engenheiros, L. C. C. Pinheiro Furtado, dirigida ao barão de Mossamedes (inédita).

tado, conservando-se regularidade no alinhamento das mesmas e na construcção dos edificios.

As principaes ruas da villa, parallelas á praia, são pois: *da Praia do Bomfim* (onde está a alfandega, o correio, etc.), *dos Pescadores*, *do Alferes*, *do Calheiros* e *da Boa Vista*. As ruas transversaes são: *dos Prazeres* e *de S. João*, que cortam a *da Praia do Bomfim*; *da Alegria* e *do Bom Jardim*, que cortam a *do Calheiros*; e a *Formosa*, que corta a da *Boa Vista*. Além d'isso, ha as travéssas *de Santo Antonio*, *da Cancella*, *da Alfandega* e *das Flores*, que partem da *rua da Praia do Bomfim* e terminam na do *Calheiros*.

O quadrado formado pelas ruas *da Boa Vista*, *da Alegria*, *do Calheiros* e *do Bom Jardim*, onde não ha ainda hoje as necessarias edificações, é destinado para uma bella praça, a qual se denominará *de D. Luiz*.

Com frente para esta praça, em um dos angulos da *rua Formosa*, se não principiou já em interesse da municipalidade, deve erigir-se o edificio apropriado para os paços do concelho; e no outro angulo, a casa para o theatro.

Quem assim cuidava das necessidades do municipio, e se não esquecia das commodidades e distracções de seus habitantes, porque nas plagas africanas não raras vezes se encontra distracção e conforto no trabalho, e aborrecimentos e perigos no ocio; — quem assim procedia, e d'est'arte se mostrava solicito pelas coisas publicas, testimunhava que não lhe eram indifferentes o engrandecimento e a prosperidade de Mossamedes.

O templo de Santo Adrião, que descrevemos em um dos artigos antecedentes [1], está situado a 300 metros, pouco mais ou menos, da povoação; proximo d'elle construiu-se uma das casas para as escholas primarias destinadas ao sexo masculino. O districto de Mossamedes tem duas escholas, as quaes em 1863 eram frequentadas por 42 alumnos.

Vimos que, ha mui poucos annos, a egreja era considerada como o edificio principal da villa. Hoje, porém, o melhor edificio alli é o da alfandega [2]. E até se póde dizer que, pela regularidade, solidez e custo, é uma das mais notaveis construcções em toda a provincia de Angola. As gravuras de que temos acompanhado estes apontamentos podem attestal-o.

O edificio da alfandega, cujo plano e execução se devem egualmente ao sr. Leal, como já dissemos, foi começado em dezembro de 1863 e concluido em abril de 1866. Occupa uma área de 1:081 metros quadrados, tendo de frente 23 metros, de fundo 47 e de pé direito 6. É de alvenaria, mas as portas e janellas tem guarnecimento de cantaria. A cobertura é de telha.

Consta o edificio de cinco salas e dois grandes armazens com um pateo no centro. A porta de entrada olha para a bahia, e a da saida para a *praça da Colonia*.

Em frente do edificio, e parallelamente a elle, levantou-se um telheiro de madeira, tambem representado na gravura citada. Tem 9 metros de largura e 23 de fundo, e é apoiado em doze pilares de madeira que assentam em sócos de cantaria. Serve o telheiro para abrigar os escaleres da alfandega, e as mercadorias que tenham de desembarcar a horas em que a repartição esteja fechada.

A construcção do edificio da alfandega custou, aproximadamente, 8:000$000 réis [3].

[1] Vid. pag. 104 d'este volume.

[2] Vid. a gravura a pag. 45 d'este volume.

[3] Noticias posteriores dizem que o governador ultimamente nomeado, o sr. Graça, completando o pensamento do seu antecessor, o sr. Costa Leal, ia mandar construir o caes em frente da alfandega, para o que encontrára já alli amontoado não pouco material; mas, como lhe faltassem para isso os necessarios meios, abrira uma subscripção particular entre as pessoas mais abastadas e mais interessadas do municipio, e esta subscripção, em alguns dias, produziu logo a quantia de 862$000 réis. A construcção do caes é de grande utilidade, pois torna mais commodo e menos perigoso o desembarque de pessoas e mercadorias.

No territorio do municipio de Mossamedes ha 11 fazendas para cultura de algodão, e 5 engenhos para moagem da canna do assucar.

A exportação do algodão da provincia de Angola, segundo os calculos apresentados nos *Relatorios* do sr. ministro da marinha, Mendes Leal [1], foi no anno de 1863, aproximativamente, de 115:368 kilogrammas, assim nos vapores da fallida companhia União Mercantil, como em navios de vela, isto é, muito mais do triplo da maior exportação dos quatro annos antecedentes [2].

Não podêmos comparar a producção do algodão em cada um dos districtos de que se compõe a provincia de Angola, porque nos faltam os necessarios elementos, e porque, se os tivessemos, deviamos omittil-os, para não dar ainda maior extensão a estes apontamentos, que já se vão tornando porventura enfadonhos; mas é certo que a producção tem ido sempre em consideravel augmento, e que, dois annos depois, isto é, em 1865, como adiante se verá, só pela alfandega de Mossamedes se exportaram 96:715 kilogrammas de algodão, na importancia de 61:995$400 réis.

É já admiravel este desenvolvimento da cultura da preciosa planta textil em Mossamedes, mas não é tudo: no primeiro semestre do anno de 1866, a exportação subiu a 105:239 kilogrammas, na importancia de 67:538$918 réis, isto é, foi superior em 5:543$518 réis á exportação de todo o anno de 1865.

E não só melhorou em quantidade, como vemos, mas tambem em qualidade; pois, segundo informações bem fundadas, o algodão em Mossamedes já é mui considerado nas fabricas de Portugal pela sua excellente qualidade, e goza egualmente de bom credito em Inglaterra, pelo que tem mais valor no mercado que o de outras procedencias. A importancia da nossa producção colonial, sobre tudo em Inglaterra, onde as industrias sabem o que lhes convem e só apreciam o que é bom e util, lisonjeia-nos, na verdade, e póde servir de estimulo e incitamento para os futuros povoadores da Africa Occidental, tão desprezada, tão esquecida, e, principalmente, tão desconhecida e tão mal apreciada.

Em 1865, a importação pela alfandega de Mossamedes foi de 86:067$606 réis.

A exportação foi de 148:831$485 réis, que podêmos assim decompor:

Em bois vivos	68	1:220$000
» pedras de filtrar ...	62	155$000
	Kilogr.	
» algodão	96:715	61:995$400
» batatas	32:697	1:111$000
» carne sêcca	837	114$000
» céra	49:939	25:892$585
» coiros	19:065	2:554$200
» marfim	3:804	6:301$400
» peixe sêcco	104:490	6:029$600
» urzella	6:775	962$800
	Litros	
» aguardente	256:275	34:405$000
» azeite de peixe	113:820	8:034$500
	Barricas	
» assucar	7	56$000
Total		148:831$485

A producção da aguardente foi de 425:000 litros, mas 168:725 consumiram-se no districto, e só os 256:275 restantes é que poderam exportar-se.

(Continúa)

BRITO ARANHA.

[1] *Loc. cit.*, pag. 77.

[2] A exportação do algodão da provincia, nos quatro annos antecedentes, foi: em 1859, 29:488 kilogrammas; em 1860, 24:734 kilogrammas; em 1861, 11:795 kilogrammas; em 1862, 33:729 kilogrammas.